



ESTADOS UNIDOS

Aliados e pesquisas pressionam Biden

O deputado Lloyd Doggett se torna o primeiro democrata a defender que o presidente desista da reeleição. Nancy Pelosi, ex-líder da Câmara, afirma ser "legítimo" questionar a saúde do correligionário. Sondagens reforçam favoritismo de Trump

» RODRIGO CRAVEIRO

Em meio à divulgação de várias pesquisas que mostram o magnata republicano Donald Trump ganhando terreno entre o eleitorado, a pressão para uma desistência do presidente Joe Biden de concorrer à reeleição cresceu nas últimas horas e ganhou a adesão de congressistas democratas. A ex-presidente da Câmara dos Representantes Nancy Pelosi, 84 anos, nome bastante influente dentro do partido governista, considerou "legítimo" questionar a saúde de Biden depois de sua participação desastrosa no debate de 27 de junho. "Acho legítimo perguntar: 'Isso foi um incidente ou é uma condição?'", afirmou à emissora MSNBC.

Por sua vez, Lloyd Doggett, deputado democrata pelo Texas, tornou-se o primeiro a fazer um apelo público para que Biden abandone a disputa. "Reconhecendo que, ao contrário de Trump, o compromisso inicial do presidente Biden sempre foi com nosso país, não consigo mesmo, espero que ele tome a difícil e dolorosa decisão de se retirar", declarou. "Respeitosamente, peço isso a ele." Sob condição de anonimato, outro congressista democrata disse à emissora CNN que ele e alguns colegas "estão profundamente preocupados com a trajetória de Biden e com sua capacidade de ganhar as eleições". "Queremos dar a ele espaço para tomar uma decisão (de se retirar), mas seremos cada vez mais incisivos sobre nossas preocupações se Biden não fizer", avisou.

Na noite de ontem, Biden atribuiu a atuação no debate ao cansaço acumulado pelas viagens internacionais, mas afirmou que "não é uma desculpa, é uma explicação". "Não foi muito inteligente ter viajado pelo mundo todo duas vezes (...) pouco antes do debate", disse. "Não dei ouvidos à minha equipe e quase dormi no palco." A Casa Branca assegurou que "não se justifica, nem é necessário" que ele seja submetido a um teste cognitivo.

O presidente sentiu-se

Jim Watson/AFP



Joe Biden discursa no Centro de Operações de Emergência, em Washington: à espera da temporada de furacões e tormenta política

encorajado a permanecer na disputa após receber o aval de figuras importantes do Partido Democrata, como os antecessores Barack Obama e Bill Clinton. Biden terá uma reunião com governadores democratas, hoje, em que eles expressarão preocupações em relação ao desempenho do chefe de Estado no último debate.

Oportunidade

Cientista político da Universidade de Chicago, John Mark Hansen disse ao **Correio** que Biden e os democratas deveriam ver o momento não como um problema, mas como "uma oportunidade para virarem a mesa da corrida eleitoral e eliminarem

Tenho esperança de que ele tome a dolorosa e difícil decisão de se retirar"

Lloyd Doggett, congressista democrata da Câmara dos Representantes

todas as coisas que possam levar à hesitação em torno da candidatura". "Antes do debate, a disputa estava acirrada, e a chance para os democratas é de entregar a candidatura a um político que possa fazer melhor e que tenha apelo entre os eleitores avessos a Trump. Biden teria que escolher alguém jovem para pegar o

bastão e vencer o revezamento."

Pesquisa da emissora CNN mostra que três quartos dos eleitores acreditam que os democratas têm melhores chances de manter a Presidência dos EUA se Biden não for o escolhido do partido para as eleições de 5 de novembro. De acordo com a sondagem, Trump venceria o pleito,

com 49% dos votos contra 43% no voto popular. Em uma disputa entre Trump e a atual vice de Biden, Kamala Harris, haveria um empate técnico: 47% a 45% para o republicano. O magnata também derrotaria qualquer de três candidatos hipotéticos — o governador da Califórnia, Gavin Newsom (48% a 43%); o secretário de Transportes, Pette Buttigieg (47% a 43%); e o governador do Michigan, Gretchen Whitmer (47% a 42%).

Uma sondagem da Ipsos/Reuters aponta que 32% dos democratas querem a desistência de Biden. Em uma virtual disputa com Trump, a ex-primeira-dama Michelle Obama, mulher de Barack Obama, ganharia com folga: 50% a 39% dos votos.

Justin Sullivan/Getty Images/AFP



Ex-presidente Trump obteve imunidade parcial da Suprema Corte norte-americana

Juiz adia sentença de Trump

O juiz Juan Merchan, que presidiu o julgamento de Donald Trump pelo caso de pagamentos ocultos à ex-atriz pornô Stormy Daniels, adiou a sentença para 18 de setembro, depois da decisão da Suprema Corte que concede ampla imunidade ao ex-presidente republicano, segundo um documento judicial.

A sentença de Trump, que seria anunciada em 11 de julho, foi adiada para "18 de setembro de 2024, às 10h (11h em Brasília) se ainda for necessária", adverte o juiz em carta dirigida à defesa do provável candidato republicano nas eleições presidenciais de novembro e à promotoria.

"Embora acreditemos que os argumentos do acusado não têm mérito, não nos opomos ao seu pedido de permissão para apresentá-los e à sua solicitação de adiar a sentença", disse o promotor Joshua Stein-glass em carta ao juiz.

A eventual condenação do magnata ocorrerá depois da Convenção Nacional Republicana, programada para ocorrer entre 15 a 18 de julho em Milwaukee, na qual Trump deve ser nomeado oficialmente como candidato à presidência nas eleições de 5 de novembro.

No fim de maio, o magnata republicano foi considerado culpado, por um júri popular em Nova York, de 34 acusações por disfarçar o pagamento de US\$ 130 mil (R\$ 736,7 mil na cotação atual) a Stormy Daniels, na reta final das eleições de 2016, para evitar que ela prejudicasse suas aspirações de chegar à Casa Branca na disputa com Hillary Clinton.

ELEIÇÕES NA FRANÇA

Cresce a aliança contra a extrema direita

Mais de 200 candidatos a deputado que passaram para o segundo turno das eleições legislativas na França, previsto para domingo, retiraram suas candidaturas, em um amplo esforço da oposição de esquerda e do partido no poder para impedir uma maioria absoluta da extrema direita. "O único que pode obter a maioria absoluta é o Reagrupamento Nacional (RN). Isto deve ser evitado", declarou o primeiro-ministro de centro direita, Gabriel Attal, em referência ao partido de extrema direita de Marine Le Pen. A própria Le Pen pediu aos apoiadores que não percam a esperança de conseguirem maioria absoluta e admitiu que o seu partido "quer o governo". "É claro que não podemos aceitar ir para o governo se não pudermos agir. Se não pudermos agir, isso seria, para mim, a pior traição que podemos

cometer aos nossos eleitores", disse Le Pen à rádio France Inter.

A ascensão da extrema direita, pela primeira vez desde que a França se libertou da ocupação da Alemanha nazista, acrescentaria à UE um novo país governado por essa corrente, depois da Itália, e cada vez mais vozes tentam impedir isso. "No domingo, vamos todos votar contra o único extremo que existe", escreveu Aya Nakamura, a cantora de língua francesa mais ouvida do mundo, nas redes sociais. Um coletivo de cerca de 20 rappers também lançou uma música de protesto com o título: "Não passarão".

Apesar da crescente pressão e da mensagem de Attal, a aliança de centro direita do presidente Emmanuel Macron está dividida sobre a estratégia de construir uma "frente republicana" contra a extrema direita, ao lado da coalizão

Dimitar Dilkoff/AFP



Marine Le Pen, líder do Reagrupamento Nacional: "Não podemos aceitar ir para o governo se não pudermos agir"

de esquerda Nova Frente Popular (NFP). A jogada inclui concentrar os votos no candidato "republicano" com melhores chances de derrotar um adversário de extrema direita em posição de força, nos casos em que três ou mais postulantes concorram no segundo turno.

Os franceses escolhem os 577 deputados em círculos eleitorais com um sistema majoritário de dois turnos. No último domingo, a alta participação e a dispersão do voto abriu o caminho para mais de 300 segundos turnos com três candidatos ou mais, que serão reduzidos a cerca de 110.

Segundo uma contagem da agência France-Press, 127 candidatos da NFP se retiraram, assim como 81 da aliança de Macron. Postulantes de outros partidos, como dois do RN por outros motivos, também desistiram antes

do término do prazo, na tarde de ontem. Entretanto, alguns membros da aliança no poder se mostraram reticentes até o último minuto, pois consideram que a França Insubmissa (LFI, esquerda radical), que faz parte do NFP com socialistas, ambientalistas e comunistas, é tão perigosa como a extrema direita.

"Deixar os dois extremos frente a frente é muito perigoso", escreveu na rede social X a atual ministra de Autoridades Locais e Regionais, Dominique Faure, que acabou retirando sua candidatura a "pedido" de Macron e de Attal. O candidato ultradireitista a primeiro-ministro, Jordan Bardella, denunciou, por sua vez, "alianças de desonra" e pediu aos eleitores uma maioria absoluta "frente à ameaça existencial para a nação francesa" — que, em seu julgamento, a coalizão de esquerda representa.